



Cold Case (episódio Andy In C Minor) (2009). Direção de Jeannot Szwarc. Fonte: divulgação.

## A cultura surda no episódio *Andy in C minor* da série *Cold case*

Angelina Monica Monteiro dos Santos<sup>1</sup>

Graduada em Pedagogia da UFPel, IC/ PET Educação  
Orientadoras: Angela Nediane dos Santos<sup>2</sup> e Cristina Maria Rosa<sup>3</sup>

**Resumo:** No trabalho analiso a representação de surdo e a língua de sinais que é evidenciada no episódio *Andy in C minor* da série *Arquivo* tomando como base o trabalho de Carolina Hessel Silveira intitulado *Filmes sobre surdos: que representações de surdos e de língua de sinais eles trazem?*. Busco conhecer e discutir, do ponto de vista ouvinte, os surdos ali representados.

**Palavras-chave:** representação, cultura surda, pedagogia, séries televisivas.

**Abstract:** *In the present work I analyze the representation of deaf and sign language which is evidenced in the episode called Andy in C minor of serie Cold case basing on Carolina Hessel Silveira's work titled Filmes sobre surdos: que representações de surdos e de língua de sinais eles trazem?. I seek to know and discuss, from the listener point of view, the deaf people there represented.*

**Keywords:** representation, deaf culture, pedagogy, television series.

### ANALISANDO SOB O DISCURSO DE CAROLINA SILVEIRA

No presente artigo, busco observar a representação de surdo e a língua de sinais presentes em um episódio de uma série televisiva. Para o diálogo, me aproprio de uma reflexão publicada por Silveira

<sup>1</sup> angelina.monteiro@hotmail.com

<sup>2</sup> Professora da área de Libras - CLC/UFPel, graduada em Educação Especial (UFSM), doutoranda em Educação (UFPel).

<sup>3</sup> Tutora no PET Educação/FaE-UFPel, graduada em Educação (UFSM), Pós-doutorado em História da Literatura (UFMG).

(2009), que se dedica a refletir sobre “representações de surdos” e “representações de língua de sinais” presentes nos filmes *O martírio do silêncio* (Mandy, Alexander Mackendrick, 1952) e *Palavras do silêncio* (Breaking Through, Fred Gerber, 1996), os dois filmes distam temporalmente do material que aqui será objeto de estudo, o episódio *Andy in C minor* (Jeannot Szwarc, 2008), da série *Arquivo morto* (Cold case, CBS/EUA, 2003, produzida pela CBS) em sua quinta temporada. Imaginei, com isso que, neste lapso de tempo (1952 a 2008), Ouvinte, minha análise está repleta de audição, o que, sem sombra de dúvida, impede um olhar mais amplo por ser parcial e temporário.

A cultura surda<sup>4</sup>, assim como as demais culturas, não é estática e, sim, dinâmica, está sempre se modificando. Por volta de 1960 realizaram-se os primeiros estudos no campo da linguística das línguas de sinais, os quais comprovaram tratar-se de uma língua e não uma simples linguagem. A partir desses estudos, a cultura surda avançou em seus conhecimentos. Neste mais de meio século de amadurecimento, ainda apresenta fragilidades, sendo uma delas a falta de reconhecimento em nossa sociedade, apesar de a Libras – Língua Brasileira de Sinais, por exemplo, no caso do Brasil, ter sido reconhecida legalmente pela Lei 10.426 de 2002.

Em um interessante trabalho de pesquisa, Silveira (2009) dedicou-se a observar filmes em que o surdo e sua cultura são protagonistas ou mesmo apenas mencionados, sendo objetos de estudo dela os filmes *O martírio do silêncio* (Mackendrick, 1952) e *Palavras do silêncio* (Gerber, 1996). Os dois filmes distam temporalmente do material que aqui será objeto de estudo, o episódio *Andy in C minor* (Szwarc, 2008), da série *Cold case* em sua quinta temporada. Imaginei com isso que, neste lapso de tempo (1952 a 2008), poderíamos ter uma significativa mudança na representação desse sujeito – o surdo – e de sua cultura, mas isso não ocorreu.

---

4 “Cultura surda” pode ser entendida como a maneira das pessoas surdas se relacionarem com o mundo. Assim, refere-se as suas formas de organização, suas solidariedades, suas línguas, suas crenças, seus costumes, seus hábitos, bem como, seus juízos de valor, de arte e etc. Os surdos envolvidos com a cultura surda, auto referenciam-se como participantes da cultura surda, mesmo não tendo eles características que sejam marcadoras, a exemplo, de raça, povo ou nação.

Podemos verificar com Carolina H. Silveira (2009) que nos dois filmes por ela analisados, a Língua de Sinais não ocupa a centralidade da conversa, uma vez que os sinais são produzidos junto com palavras oralizadas e os surdos fazem leitura labial. Já no episódio por mim analisado, foi possível logo no início, na cena onde há uma “bronca” para terminar a festa, verificar que enquanto se expressam por meio da LSA (Língua de Sinais Americana), Assim ocorre durante todo o filme, com raríssima exceção.

Ainda com relação à LSA o primeiro diálogo que há entre Emma – ouvinte – e Andy – surdo – deixa visível o desprezo com o qual ele trata o pouco “saber” ou “prática” da LSA de Emma. Por si só esta cena não constrói, não acresce nada à cultura surda, mas ao contrário: é de desanimar aqueles que estudam LS depois de observar aquele diálogo. Precisamos perceber que quanto mais pessoas falam uma determinada língua mais fácil se torna a comunicação por meio dela. Pensar em construir desejos de conhecer a LS seria um facilitador do crescimento da cultura surda e da expansão na sua dinâmica cultural tanto quanto na nossa, como ouvintes que se comunicam pela LS. Ainda nessa cena, a namorada de Andy os encontra, e diz que Emma não é uma “deles”, por que ele estaria “falando com ela?”, fortalecendo, desta maneira, a rivalidade entre culturas.

Quando Andy conversa com o pai sobre seu desejo de fazer o implante coclear, este se mostra contrário à ideia, e procura mostrar para Andy que a surdez não o atrapalha, pois é surdo, mas é responsável pela chefia de dez ouvintes onde trabalha. Andy, no entanto, responde a seu pai que, apesar de sua vida profissional ser bem sucedida, ele é um “limitado”. Examinando esse excerto do episódio, logo nos deparamos com a depreciação da cultura surda: Andy enxerga a sua vida e a de seu pai como incapazes de total realização, independente de quaisquer vitórias, exceto a conquista da audição. Em sua análise, Silveira constata que os filmes afirmam ser a surdez um complicador futuro, vejamos: “(...) Eles enfatizam a falta de audição e como a surdez pode complicar a vida futuramente – essa é a principal temática de tais filmes. Poucos valorizam a cultura surda ou uso de língua de sinais. (...)” (SILVEIRA, 2009, p. 178).

Ainda examinando a anteriormente referida cena da “bronca”, ao levar a tal bronca, tendo-se em vista a necessidade do término

da festa, Andy diz: “somos crianças tristes”. Imagem de “criança triste” é um dos aspectos identificados pela autora também, que aponta para esta tristeza imaginária “ouvintista”, vejamos:

Trazendo alguns detalhes do enredo, vemos que *Mandy*, como o filme é chamado no original, é o nome da menina surda – retratada com um olhar triste no cartaz de publicidade do filme – cuja surdez os pais descobrem quando ela tem 2 anos de idade. (SILVEIRA, 2009, p. 178).

Desse modo, confirma-se que em ambos (os filmes e o episódio televisivo) permanecem as mesmas representações da surdez, aliadas à falta, à deficiência, à tristeza. Silveira fala também sobre a oposição entre surdos e ouvintes, vejamos: “(...) Isso mostra a velha oposição entre surdos x normais. Os surdos são vistos como interessantes, exóticos, enfim, anormais. (...)” (SILVEIRA, 2009, p. 180). No episódio analisado é possível verificar essa postura, a começar pela cena onde há a entrada dos investigadores no colégio, um deles diz que parece estar entrando em mundo estrangeiro, parecem um “bando de índio” e o local lhe “dá arrepios”. Percebe-se esses resquícios por todo o filme, a exemplo também de quando o pai diz que Andy era tão bom quanto qualquer criança normal, e vai ficando mais acirrado quando o pai veio a se mostrar contrário ao envolvimento de Andy com Emma por entender que nunca daria certo, dentro desta separação entre “normais” e surdos.

Essa referida cena, neste sentido, ainda, de “normalidade” vai além: mostra troca de “sentimentos”, ou melhor, verbalizações (oralizadas ou sinalizadas), no sentido tanto de que o ouvinte possa representar uma aberração diante do olhar surdo, quanto de que o surdo possa representar uma aberração diante do olhar ouvinte. Isso fica claro quando Andy conversa com seus pais sobre Emma e quando o pai de Emma conversa com os investigadores. Essas acusações ou “estereotipagens” de ambas as partes não contribuem nem com a “cultura ouvinte” e nem com a surda. Deprecia ambas, porém o mais prejudicado é o surdo. O pai de Andy a princípio tenta impedi-lo de fazer o implante e o motivo pelo qual ele se justifica, quando enfim concede, é o fato de ter medo de que

o filho venha a sentir vergonha dos pais que são surdos. Presente também no trabalho da pesquisadora esta maneira de atribuir vergonha do ouvinte com relação ao surdo:

Um sentimento que sempre é apresentado, embora de forma negativa, é a vergonha que o pai de *Mandy* tem da filha que é surda, preferindo, portanto, mantê-la em casa. Tal sentimento era muito comum (e talvez ainda seja) entre os pais ouvintes de filhos surdos. (SILVEIRA, 2009, p. 178).

O episódio mostra a música de forma desajustada da cultura surda, pois começa com uma festa numa escola (específica para surdos) onde há música e todos estão dançando e festejando. Podemos também entender que Andy foi morto quando tocava o piano. Em outro momento temos que Emma tinha ido “ajudar” (segundo suas palavras) na escola de surdos, dando aula de música – como se surdos precisassem de “ajuda” – e, quando na verdade, ela estava cumprindo uma condenação judicial por um acidente de carro por ela provocado. Vejamos o que diz Silveira sobre a música na cultura surda:

A música, por exemplo, não faz parte de cultura surda, os sujeitos surdos podem e têm o direito de conhecê-la como informação e como relação intercultural. São raros os sujeitos surdos que entendem e gostam de música e isso também deve ser respeitado. Respeitando a cultura surda, substituindo as músicas ouvintizadas, surgem artistas surdos em diferentes contextos como: músicas-sem-som, dançarinos, atores, poetas, pintores, mágicos, escultores, contadores de histórias e outros. (p. 70). Tem-se aí uma perspectiva do ouvinte, mesmo que o filme procure valorizar a língua de sinais e a cultura surda. (SILVEIRA, 2009, p. 183).

Prosseguindo ainda no momento em que Andy passa a ouvir, desperta dentro dele a arrogância, e em seu amigo, a inveja. Este amigo, por não ter a possibilidade de também realizar o implante co-

clear, acaba por matar Andy, quando este se alegrava em tocar um piano. O homicídio se deu, portanto, motivado pela inveja entre os amigos participantes, até então, da cultura surda, onde um pôde passar a ouvir e o outro, não.

## **COLD CASE: MEU OLHAR**

Estamos vivenciando, hoje em dia, situações piores de que meio século atrás, quando surge o filme *O martírio do silêncio* (Mackendrick, 1952), com relação aos trabalhos desenvolvidos que abarcam a cultura surda por meio de audiovisual. O que temos feito é uma violência à cultura surda, pois debaixo de uma capa de entretenimento, o episódio em análise acaba por instigar o confronto entre as culturas, e até bruscos apelos comerciais, como o diálogo de Emma e Andy quando ela o convence a fazer o implante coclear. Tanto a proposta do roteiro do episódio, quanto os detalhes de construção das cenas, como essa referida acima, por exemplo, soa, perante meus estudos sob a condução das análises de Silveira, absurda.

Sobre essa via de mão dupla, surdo-ouvinte, Silveira (2009, p. 178) considera que “em relação à maioria dos filmes sobre surdos observados – produzidos, dirigidos e assistidos por grande número de ouvintes – sempre importa mais a oralização ou normalização dos surdos (...)”. E isso se confirma no episódio analisado, tendo em vista que o protagonista surdo só é realmente feliz quando faz o implante coclear e volta a tocar piano. No entanto, quando isso acontece, ele acaba sendo morto pelo seu colega, também surdo, e que deseja ouvir.

Sob a capa de “propagador” da cultura surda, revelada no discurso sobre LS, o episódio machuca ambas as culturas (ouvinte e surda), pois não as mostra pelo ângulo da alteridade, mas pelo da rivalidade. De maneira que há excessiva oralização, leitura de lábios (que para os surdos é de difícil entendimento), aparente tristeza do mundo surdo, além do fato de que, o assunto central gira em torno da morte de uma pessoa surda. Morte esta, que se deu por motivo fútil, por meio do implante coclear um surdo deixa de fazer parte do meio cultural surdo, passando para o mundo ouvinte e, por este motivo, é morto. Por outro lado mostra também um integrante da cultura surda, que ao invejar a audição do amigo - não podendo

tê-la para si, mata-o. O que impressiona é o fato de que os protagonistas do episódio eram surdos, porém, com a construção de personagens feita sob uma leitura cultural ouvinte preconceituosa.

## **OBRA AUDIOVISUAL**

ARQUIVO MORTO, episódio *Andy in C minor*, de Jeannot Szwarc (CBS), EUA, 2008.

## **REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA**

SILVEIRA, Carolina Hessel. **Filmes sobre surdos: que representações de surdos e de língua de sinais eles trazem?** Práxis Educativa, Ponta Grossa, v.4, n.2, 2009. Disponível em: <<http://www.periodicos.uepg.br>> Acesso em: 20/05/2012.